

**A Entidade Pombagira e O Sagrado Feminino na Obra de Jorge Amado:
Representação de uma Identidade Empoderada**

**The Entity Pombagira and The Sacred Feminine in the Work of Jorge Amado:
Representation of an Empowered Identity**

**La entidad Pombagira y Lo sagrado femenino en la obra de Jorge Amado:
Representación de una identidad potenciada**

Marcelo Barbosa dos Santos¹

Rubenilson Pereira Araujo²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O artigo resulta de pesquisas em andamento no PPG-Letras/UFT. Apresenta concepções epistemológicas da entidade Pombagira e sua relação com o íntimo de empoderamento subjetivo de cada ser humano. Essas leituras refletem a importância de se pensar nas interseções de raça, literatura e religiosidade, além das questões de gênero que perpassam a obra do escritor Jorge Amado (1912-2001). Neste estudo, verificamos a importância dos estudos do corpo feminino e suas interfaces com o sagrado e o profano, compreendemos que estas questões da pesquisa podem contribuir para a possibilidade de sensibilizar-se sobre a intolerância religiosa, do racismo e da misoginia na busca de um diálogo inter-religioso e transcultural que valorize e respeite a imagem da figura emblemática deste arquétipo feminino para as religiões de matrizes africanas.

Palavras-chave: Pombagira; Corpo feminino; Matriz africana e Diálogo Transcultural.

Abstract: The article results from ongoing research at PPG-Letras / UFT. It presents the epistemological conceptions of the entity Pombagira and its relationship with the intimate empowerment of each human being. These readings reflect the importance of thinking about the intersections of race, literature and religiosity, in addition to the gender issues that permeate the work of the writer Jorge Amado (1912-2001). In this study, we verify the importance of studies of the female body and its interfaces with the sacred and the profane, we understand that these research questions can contribute to the possibility of reducing religious intolerance, racism and misogyny in the search for a religious and transcultural inter-dialogue that values and respects the image of the emblematic figure of this lebara for religions of African origin.

¹ Graduação em Letras – Português/Literaturas de Língua Portuguesa, pela Faculdade TECSOMA (2005), em Pedagogia pela Universidade Paulista – UNIP (2015) e em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR (2015), especialização em Letras: Português e Literatura pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá – FIJ (2007), mestrando em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Porto Nacional – TO. Atua na linha de pesquisa interseccional de Literatura e Religiosidades. É professor efetivo da rede pública do município de Palmas – TO. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-8155-8406> Lattes id: <http://lattes.cnpq.br/2148585998818491> E-mail: marcelo.barbosa1@mail.uft.edu.br e professormarcelobarbosa@gmail.com

² Doutor e Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela UFT. Professor doutor da Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional – TO e coordenador do curso de licenciatura em Letras, atuando também na Pós-Graduação com pesquisas voltadas para o ensino em uma perspectiva de currículo pós estruturalista e suas interfaces com a educação e sociedade. Lattes id: <http://lattes.cnpq.br/4468053712806857> E-mail: rubenilsonaraujo@mail.uft.edu.br

Keywords: Pombagira; Feminine body; African matrix and Transcultural Dialogue.

Resumen: El artículo es el resultado de una investigación en curso en PPG-Letras / UFT. Presenta las concepciones epistemológicas de la entidad Pombagira y su relación con lo íntimo del empoderamiento subjetivo de cada ser humano. Estas lecturas reflejan la importancia de pensar en las intersecciones de raza, literatura y religiosidad, además de las cuestiones de género que impregnan el trabajo del escritor Jorge Amado (1912-2001). En este estudio, verificamos la importancia de los estudios del cuerpo femenino y sus interfaces con lo sagrado y lo profano, entendemos que estas preguntas de investigación pueden contribuir a la posibilidad de reducir la intolerancia religiosa, el racismo y la misoginia en la búsqueda de un diálogo interno religioso y transcultural que valora y respeta la imagen de la figura emblemática de esta lebara para las religiones de origen africano.

Palabras clave: Pombagira; Cuerpo femenino; Matriz africana y diálogo transcultural.

Submetido em 15 de abril de 2020

Aprovado em 22 de junho de 2020

INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta concepções teóricas da entidade Pombagira nas casas religiosas de cultos de panteão africano, sobretudo as que se autodenominam como princípios da umbanda ou candomblé. Além disso, há uma breve discussão da importância das interseções de raça, religiosidade e gênero perpassando a análise por algumas personagens femininas nas obras do escritor brasileiro modernista Jorge Amado. Nesse estudo tentamos estabelecer uma possível relação das representações dessas mulheres, sejam negras ou não, com a Pombagira e, essa última, com a figura mitológica de Lilith³.

Foi realizado um estudo bibliográfico pautado em posicionamentos de alguns pesquisadores sobre a concepção do corpo feminino negro, em seus aspectos de sensualidade e erotismo. Além disso, o texto aborda também, questões que podem contribuir para que a mulher muitas vezes sinta-se culpada por tudo que é ruim no mundo, ocasionando uma fuga estratégica inconsciente de fazer o (a) negro (a) negar as suas origens, interseccionando assim, estereótipos de gênero e raça/etnia.

Este artigo busca valorizar a realização da prática religiosa nos cultos de reverências aos povos ancestrais de matriz africana por meio da figura emblemática destacada nesse texto contribuindo para os estudos de decolonialidade, valorização, respeito e luta contra a misoginia e o racismo vigentes em nossa sociedade.

³ Trata-se de um mito de uma entidade feminina de hábitos noturnos de longos cabelos. “[...] Ela é força, um poder, uma qualidade, uma renegada. Um espírito livre. Odeia ser contida [...]” (KOLTUV, 2017, p. 09). E ainda: “Lilith, um demônio noturno que agarra os homens e as mulheres que dormem sozinhos, provocando-lhes sonhos eróticos e orgasmo noturno. [...]” (KOLTUV, 2017, p. 13 – 14). Concluindo que “Originalmente [foi] a primeira mulher que Deus criou da terra” (KOLTUV, 2017, p. 37).

I. Lilith e Pombagira: A sensualidade feminina

Lages (2003) ressalta que por influência do kardecismo⁴, a Pombagira é o espírito de uma mulher que em vida teria sido uma prostituta, mulher de baixos princípios morais, empenhada em conquistar os homens com suas proezas sexuais. Para Barros (2006), ela encarna o estereótipo da prostituta e nos terreiros surge seduzindo e provocando homens e mulheres com seu riso irônico, sarcástico, gestos eróticos, fumando e bebendo. É a provocação de quem desconhece os travas morais e sociais.

Esses pensamentos, segundo Cumino (2019), vão de encontro com as visões obtusas e machistas, porque estereotipa a imagem dessa Deusa mulher como uma profana e promíscua simplesmente porque ela gargalha, bebe, fuma e dança, performances não permitidas para a mulher que deveria ser contida e submissa. Assim, corroboramos com o pensamento deste autor em *Pombagira - A Deusa – Mulher igual você*, em que ele afirma que ela é “*brutalmente rechaçada socialmente, pois tem sua liberdade sexual como medida de suas dignidades. É o avesso dos moldes morais da bela, recatada e do lar.*” (2019, p. 15).

Barbosa Junior (2014) afirma que o senso comum realmente associa as Pombogiras (assim ele as denomina graficamente) a prostitutas. Esse autor, ainda menciona que, se muitas delas estão resgatando débitos que têm relação com a sexualidade, isso

ocorre, contudo, não apenas por promiscuidade e pelas consequências energéticas decorrentes, mas, também, pela abstinência sexual ideológica e religiosamente imposta; caso de muitas mulheres que professaram votos celibatários, mas foram grandes agressoras de crianças, pessoas amarguradas praguejando contra mulheres com vida sexual ativa, etc. (2014, p. 203)

Afirma ainda (Augras (2000) *apud* Lages (2003), que não se dispõe de dados históricos que situem com exatidão a época do aparecimento da Pombagira, e considera chamativo o fato de ela ser pura criação carioca. Segundo (Prandi (2005) *apud* Carvalho (2017)), o mito da Pombagira, oriundo do sincretismo religioso, é constatado na tradição oral, que se manifestou no Brasil desde o século XIX, quando apenas o catolicismo era a única religião aceita no país. Nessa discussão, Carvalho (2017, p. 47) vem ressaltar que a “*Pombagira, assim como Lilith, devido a seu caráter transgressor e extrema liberdade sexual, encarna o mito da mulher*

⁴ Um dos pontos básicos em que se fundamentam todas as teorias espiritualistas. Ao ser criado, na França, o Espiritismo de Kardec, nada mais se fez do que dar-se nova modalidade ao culto da Umbanda, ou seja, continuar-se através dos séculos, a obrigatoriedade de seguir-se a ordem divina, que assim foi expressa TURIM EVEL, TUMIM UMBANDA, DARMOS, que quer dizer o seguinte: *Baixou sobre a face da Terra a LUZ DA UMBANDA.* (PINTO, 1971, p. 195 – 197)

demônio, ao mesmo tempo temida e desejada que seduz, atrai e domina os homens conduzindo-os à perdição.”

A referência ao mito da mulher demônio nos remete aos estudos de Carvalho (2017), quando ela faz uma análise do romance “*Tenda dos Milagres*”, de Jorge Amado (publicado, originalmente, em 1969), mais precisamente da personagem Iaba, aproximando-a da imagem do arquétipo da Pombagira como descrito abaixo:

No romance de Jorge Amado, *Tenda dos Milagres*, a personagem Iaba – que mais adiante na trama transforma-se em Negra Dorotéia – é uma diaba em estado de furor crescente, vinda das “profundas dos infernos” (AMADO, 2001, p. 121) com o objetivo único de seduzir, “broxar” e abandonar o Pedro Archanjo – personagem central da narrativa. Segundo a tradição do Candomblé, o termo iabá designa os orixás femininos de modo geral; no romance de Jorge Amado, Iaba é “*uma diaba com o rabo escondido*” (AMADO, 2001, p. 118) que por sua beleza e habilidade sexual leva os homens ao delírio e à perdição, nesse caso, a representação da Iaba de *Tenda dos Milagres* aproxima-se mais da concepção do demônio feminino que deu origem, na Umbanda, a imagem da Pombagira. Por outro lado, notamos que tal representação se aproxima da concepção do demônio feminino ocidental, proveniente do mito de Lilith, cuja definição, embora passando por diferentes transformações, preserva a relação entre a imagem da mulher sedutora e o mal. (CARVALHO, 2017, p. 52)

De acordo com Carvalho (2017), Doroteia é uma mulher negra e também não é cristã. Nesse sentido, ela ‘carrega’ com grande intensidade o mito dos estereótipos sexuais da luxúria por interseccionar o fato de ser mulher e ser negra. Ela é, então, representada no romance amadiano como uma mulher demônio sexualizada assim como a figura mitológica de Lilith. De acordo com Bárbara Black Koltuv (2017) podemos certificar o que foi mencionado, pois a autora afirma que

Lilith, a sedutora, é descrita pelos cabalistas como uma prostituta que fornicava com homens. Ela é chamada de a Serpente Tortuosa, porque seduz os homens a seguir caminhos tortuosos. Ela é a Mulher Estrangeira, a doçura do pecado e a língua má. Conta-se que dos lábios da Mulher Estrangeira jorra mel. Ela é chamada de a Fêmea Impura e, embora não tenha mãos e pés para a cópula, pois os pés da serpente foram cortados quando Deus a castigou por seduzir Eva, mesmo assim, em seus adornos, a Fêmea dá a impressão de ter mãos e pés. Os cabalistas dizem que é através do mistério de seus adornos que ela pode seduzir os homens. Lilith deixa Samael, o marido de sua juventude, e desce à Terra. Ali, fornicava com homens que dormem sozinhos e faz com que, em seus sonhos, tenham impuras e espontâneas poluições noturnas. (KOLTUV, 2017, p. 67 – 68)

Nesse sentido, Carvalho (2017) vem afirmar que a origem do mal cair sobre a mulher está centrada totalmente na questão da sexualidade, na concepção do “demônio feminino” ocidental desembocar no mito da Lilith judaica, quanto na imagem dos Exus femininos que deram origem à Pombagira. Conforme Prandi (2005), a Pombagira, que surge do sincretismo religioso, representa na concepção ocidental católica a encarnação do pecado original, pois não

é submissa ao homem como Eva foi em relação a Adão, um mero apêndice dele. Ela acumula todas as características negativas que definem a mulher promíscua como principal responsável pela propagação do mal no mundo porque representa a tentação mais temível do demônio segundo a religião judaica cristã.

O imaginário tradicional umbandista, para não dizer brasileiro, acreditava que muito da maldade humana é próprio das mulheres, que o sexo feminino tem o estigma da perdição, que é marca bíblica, constitutiva da própria humanidade, desde Eva. O pecado da mulher é o pecado do sexo, da vida dissoluta, do des-regramento, é o pecado original que faz o homem se perder (PRANDI, 2005, p. 82).

É interessante mencionar, a partir desse pensamento de Prandi (2005), o quanto a mulher é responsável por tudo que é mal e horrível do ponto de vista religioso. Pois, o que percebemos é que precisava de um “bode expiatório” e encontraram a mulher para assumir esse papel depreciativo. Carvalho (2017) evidencia que as diferenças entre o bem e o mal, assim como as questões ideológicas de pecado foram implantadas pelo cristianismo. Observamos isso, no excerto a seguir: *“Estabeleceu-se um princípio ‘absolutista’ definindo o ser supremo como a encarnação da perfeição racional e assexuada e expelindo para o espaço do não-divino (o inferno e o ‘outro’) tudo o que não correspondesse a esse ideal restrito”* (RISÉRIO (2007, p. 164, grifo do autor) *apud* CARVALHO (2017, p. 51).

Carvalho (2017) comenta, ainda, que o cristianismo não aceita sentimentos mundanos acoplados ao universo do sagrado. Esses necessitam estar bem separados, dicotômicos, em uma perspectiva totalmente antagônica ou cartesiana. Para ilustrar tal comentário, a autora justifica que a

atitude diante da própria reprodução das escrituras sagradas, na transposição do Velho Testamento da Bíblia Judaica para a Bíblia Cristã, buscou-se o apagamento de Lilith justamente devido a seu caráter contraditório e absolutamente transgressor inadequado ao princípio estabelecido no cristianismo. (CARVALHO, 2017, p. 52)

A autora enfatiza que esse apagamento não foi realizado completamente pois ele deixou rastros nas origens das escrituras sagradas assim como na memória coletiva do cristão do ocidente. Ela, também, cria um elo entre a tentativa de se apagar Lilith das escrituras sagradas à tentativa de fazer o povo negro negar a sua história, a sua origem e cultura. Ressalta, ainda, que isso não foi possível porque os negros africanos, pelos lugares onde foram deixados, cultivavam as suas origens por meio das lembranças, adaptações com a cultura hegemônica ou mesmo silenciamento. Assim, Barros (2006) enfatiza que a Umbanda formada por influência do catolicismo, do kardecismo e do candomblé, tentou separar, por influência cristã, a imagem

de Iemanjá - considerada o arquétipo⁵ da Grande Mãe⁶ nas religiões de matriz africana – de uma mulher sensualizada, associada à sexualidade feminina, descaracterizando-a até mesmo na cor da pele, associando-a a uma mulher (europeia) branca e pura. Tal associação pode ser uma tentativa da Umbanda de ser aceita pela sociedade burguesa branca e de alto poder aquisitivo. Assim, a autora afirma que foi criada uma outra entidade para representar as questões de ordem sexual feminina intitulada de Pombagira – considerada a representação da mulher profana.

Dessa maneira, Sueleny Ribeiro Carvalho vem concluir sua análise mencionando que *“a descrição da Iaba parte da relação sedução independência sexual, sua independência é tanta que a “bunda” chega a requebrar “por conta própria”, é justamente essa sexualidade aterradora que permeia todo o imaginário negativo sobre a mulher”* (CARVALHO, 2017, p. 54 – 55). Aqui, há uma aproximação dela com o mito de Lilith colocando-a como sedutora, sexualizada e maldita. Mencionamos que essa personagem Iaba é, também, relacionada e aproximada à imagem da Pombagira.

Além do fato que, em seu processo de representação, a personagem acumula estereótipos de gênero e raça, visto que, na construção da alteridade, a imagem da mulher e do negro encontra-se constantemente relacionada ao aspecto negativo da sexualidade, no caso da mulher negra, esse procedimento é duplicado, justamente por acumular essas duas formas latentes de estereotipia: O imaginário bifronte sobre a mulher – ao mesmo tempo sexo insaciável, voragem ‘a sugar desejos e fraquezas masculinas’ e mulher-mãe, mistério profundo da vida ‘unindo pecado do sexo, da vida dissoluta, do desregramento, é o pecado original que faz o homem se perder (PRANDI (2005, p. 82) *apud* CARVALHO (2017, p. 55 – 56).

Diante de tais ponderações, podemos supor que a associação de todas as mulheres, independentemente da cor da pele, com a figura do demônio, especificamente das *mulheres negras*, é difundida pela igreja católica, como afirma Barros (2006), que demonstrou grandes dificuldades em tratar assuntos voltados para sexualidade tanto de homens como de mulheres, especialmente dessas últimas sem o véu do pecado, do preconceito, da imoralidade e do pudor. Essa analogia da mulher à imagem do demônio, em especial da mulher negra, reforça o processo de estereotipia, potencializando a discriminação racial que por sua vez reduz as possibilidades da mulher negra ser uma pessoa empoderada. Esse fato é determinante para se construir uma *identidade* que é amplamente perpassada pela estereotipia negativa. E a personagem Iaba é vista

⁵ Os conteúdos do inconsciente coletivo. (JUNG, 2014, p. 12). Nada mais é do que uma expressão já existente na Antiguidade, sinônimo de “ideia” no sentido platônico. (JUNG, 2014, p. 82). São determinados quanto a forma e não quanto ao conteúdo. (JUNG, 2014, p. 86).

⁶ O conceito de Grande Mãe provém da História das Religiões e abrange as mais variadas manifestações do tipo de uma Deusa-Mãe. (JUNG, 2014, p. 82).

apenas como sexo desregrado. Essa característica abafa outras características de sua identidade impossibilitando a sua representação no meio social em que vive.

Assim, (Giddens (1992) *apud* Lages (2003), aponta que a *arte erótica* era uma especialidade feminina, nas sociedades não-ocidentais, cultivada por prostitutas ou membros de comunidades religiosas. Se realizar sexualmente era o ideal para fazer desaparecer as diferenças entre as mulheres consideradas respeitadas e aquelas que não tinham uma vida ortodoxa. Sobre essa possibilidade de viver uma vida sexual plena, faz-se necessário destacar o posicionamento de (Augras (2000) *apud* Lages (2003) sobre o poder procriador da mãe,

como as *Awon Iyá wa*, que são andróginas na simbologia iorubá chegando a assustar por sua inteireza. Ela tem o poder dentro de si, não precisa de ninguém, é um ser redondo, primordial, esférico, contendo todas as oposições dentro de si. Ela tem o Bem e o Mal, dentro dela, há a feitiçaria e a antifeitiçaria. Verifica, ainda, esta autora que nas casas tradicionais de Candomblé permanecem vivos os valores referentes ao poder das mães ancestrais, cultuando a aterrível *Iyá mi Oxorongá*, ao lado das Iabás, ou seja, das Rainhas, nome dado às divindades femininas. Estas são descritas no Candomblé brasileiro não apenas como mães, mas também como esposas e amantes. (LAGES, 2003, p. 64)

Segundo Barros (2006), Iemanjá seria uma dessas *Iyá Mi* africanas – termo esse que significa na África iorubá Minha Mãe, isto é, as mães feiticeiras – as *Iyá mi Oxorongá* – feiticeiras que detinham o poder feminino primitivo criador e destruidor. Eram brutas, incontroláveis, latentes e de um poder muito fecundo. Elas formam o conjunto das Grandes Mães ancestrais. Assim, Iemanjá representa um dos maiores arquétipos femininos da humanidade. Ela é mulher – a fêmea – e a mãe cultuada e reverenciada nos terreiros de Umbanda, Candomblé e demais religiões afro-brasileiras. Ela simboliza o ideal de grande, protetora e poderosa mãe. Ela é equilíbrio, é força e superioridade de uma grande mãe e orixá, cuja etimologia relaciona-se ao *ori*, ou seja, cabeça, representando o domínio, o intelecto. Uma boa mãe e boa mulher que cuida e protege os seus filhos. É generosa para com aqueles que lhes suplicam auxílio e proteção. “*Ela é o Feminino em toda a sua potência criadora. É mãe e é também mulher*” (BARROS, 2006, p. 38).

Segundo a psicanálise de Jung, podemos afirmar que o arquétipo da Grande Mãe não só nutre e concebe a vida, mas é aquela que simboliza traços femininos presentes no dia a dia da mulher contemporânea como sentimentos, emoções, comportamentos, instintos e sensualidade. A Umbanda, segundo Barros (2006), herdou do Candomblé o mito da Grande Mãe que recai sobre Iemanjá. Assim, um dos mitos que é evidenciado pela Umbanda sobre essa Orixá é a maternidade e a fertilidade – “*é o poder de grande geratriz e propiciadora de vida que sobressai*” (BARROS, 2006, p. 29). Nesse sentido, Iemanjá representa o arquétipo grandioso

da maternidade por ter o poder feminino que se exalta e por exercer no universo religioso umbandista o comando superior ao lado de Oxalá⁷. Isso destaca uma imagem de um sagrado feminino empoderado, excelso e de luz dentro dos terreiros de matriz africana.

Na Umbanda, de acordo com (Augras (2000) *apud* Lages (2003), essa entidade feminina não possui mais as características das *Iyá mi Oxorongá*. Ela sofreu uma grande moralização tornando-se símbolo maternal de pureza, doçura e delicadeza e os aspectos sexualizados do poder feminino ficaram partilhados e/ou reservados à Pombagira que para Barros (2006) seria a imagem feminina de Exu - a prostituta – ‘mulher da vida’ que se manifesta nos terreiros para resolver problemas amorosos, sexuais e financeiros. Uma entidade promíscua e profana que se contrapõe o feminino em Iemanjá. A Pombagira é uma rainha; rainha das trevas, da marginália, da sensualidade, da sedução, da arrogância, da agressividade. Ela é despudor e transgressão. É subversiva. É ‘rainha da balbúrdia’. Ela assume todos esses estereótipos aparentemente opostos aos de Iemanjá.

Em uma, a imagem etérea de uma suave mãe e mulher. Em outra, o símbolo da contestação, da mulher sexualmente livre, rebelde e perigosa. Em uma, a mãe; noutra, a amante clandestina. Uma gera e cuida; outra, seduz e consome em seu ardor. Ambas, opostas em termos de representação feminina na umbanda, complementares, porém, enquanto símbolo de aspectos específicos de feminino nesse mesmo culto. Iemanjá e Pomba-gira: mãe e cortesã, as duas, representação de mulher. Uma, orixá; outra, Exu. (BARROS, 2006, p. 29)

Prandi (2005) afirma que esses aspectos devolveram a Pombagira ao campo da marginalidade e está claro que essa entidade é de baixo nível espiritual e social, pois sua presença extravasa o imaginário popular se refazendo representar no pensamento.

Barbosa Junior (2014) ressalta que as Pombogiras são agentes cármicos de Lei, assim como os Exus. Elas trabalham com o desejo, especialmente o sexual. Elas freiam os exageros e as deturpações sexuais dos seres humanos encarnados e desencarnados. O que elas fazem é direcionar a energia para aspectos construtivos. O autor ainda afirma que algumas, em vida (encarnadas no plano físico e material), estiveram associadas a diversas formas de desequilíbrio sexuais, mas pela Lei de Ação e Reação e pela prática da caridade elas evoluem e ajudam outros indivíduos à evolução. Infelizmente, são muitas vezes confundidas equivocadamente com os quiumbas⁸. O trabalho delas é “*equilibrar as energias do desejo. São alegres, divertidas,*

⁷ Também é chamado Obatalá, Orixanlá e Oxalufã, ele é o criador do homem, o senhor absoluto do princípio da vida, da respiração, do ar, sendo chamado de o grande orixá; Orixá Nlá em nagô. É um orixá velho e respeitadíssimo tanto pelos devotos humanos como pelos demais orixás, dentre os quais muitos são identificados como filhos seus. (AZAMBUJA, 2010, p. 26 – 27)

⁸ O mesmo que espírito obsessivo. (PINTO, 1971, p. 159).

simpáticas, conhecem a alma humana e suas intenções. São responsáveis por descarregar as pessoas e os ambientes de energias viciadas”, haja vista que “são equilibradas e sensuais” (BARBOSA JUNIOR, 2014, p. 202).

Elas – as Pombagiras – assim como os Exus são cultuadas nos terreiros como agentes que possuem força, coragem e poder de transformação e luta. Sua imagem evoca respeito e cautela.

Contudo, em uma sociedade em que os valores masculinos predominam, a presença desse Exu feminino perde parte de sua força, magia e poder, sendo relegada à condição marginal de ser inferior, subalterno e subordinado, condição esta ainda percebida e vivenciada em determinadas situações da sociedade brasileira como sendo subalterno, submisso e subserviente o papel da mulher na atualidade. Daí sua força – a força dos que se encontram na transgressão e marginalidade. Uma força e coragem ímpar, sem pudor ou controle. Uma força primitiva, latente e pulsante como a energia que jorra das paixões humanas. Neste contexto de marginalidade, Exu é rei. Pombagira é rainha. (BARROS, 2006, p. 27).

É, justamente, por ocupar a posição de rainha que os terreiros de Umbanda e Candomblé a cultuam, pois ela se tornou a grande representante da manifestação sexual feminina. Ela é, assim, o símbolo do feminino, de mulher, em sua dimensão erótica que nutre desejos. Segundo Barros (2006), ela é a personificação do que foi contido e reservado da sexualidade da mulher. Apesar de receber da sociedade patriarcal, conservadora e machista o estereótipo da prostituta, da mulher de baixos princípios morais e conservadores, a “puta”, a “vagabunda”, ela está, aos poucos, assumindo a imagem de uma nova mulher – forte, determinada, guerreira, independente e dominadora de seu próprio corpo e performances de sexualidade. Recebe, assim, uma tipologia nova, isto é, uma nova identidade de mulher moderna e atual que sabe ser valorizada e se auto valorizar. Uma mulher empoderada.

II. Pombagira: representação de uma nova identidade feminina

O nome Pombagira, segundo Lages (2003), derivou de Bongbogirá que significa na Umbanda⁹ as qualidades femininas de Exu na linha da esquerda ou quimbanda¹⁰. Barbosa Junior (2014) utiliza o termo Pombogira ao invés de Pombagira. Para ele, Pombogira é uma

⁹ Umbanda é o grande e verdadeiro culto que os espíritos humanos encarnados, na Terra, prestam a *Obatalá*, por intermédio dos Orixás. A definição do nome de Umbanda é a seguinte: Temos, em linguagem oriental antiga, a palavra UM, que significa Deus, e BANDA, também da mesma origem, que quer dizer agrupamento, legião. (PINTO, 1971, p. 195 – 197)

¹⁰ A mesma coisa que Magia Negra, ou melhor o Candomblé que surgiu, entre nós, primeiramente na Bahia, oriundo de uma mistura de rituais praticados pelos escravos da África. V. *Magia Negra e Candomblé*. (PINTO, 1971, p. 159)

variante linguística ou desvio de grafia, isto é, uma corruptela da palavra Bombojira, que significa Exu em terreiros de origem bantos, que “*por sua vez, deriva do quicongo “mpambua-nzila” (em quimbundo, “pambuanjila”), com o significado de ‘encruzilhada’*” (BARBOSA JUNIOR, 2014, p. 202).

Assim, Barros (2006) conceitua que

no imaginário afro-brasileiro, pomba-gira é um Exu, um Exu do sexo feminino, um Exu-mulher ou, para alguns, um Exu-fêmea ou “Exua” (termo tão difundido na literatura acadêmica). Como todo Exu, Pomba-gira representa a sublevação, a transgressão ostensiva de normas e condutas de uma moralidade conservadora. Pomba-gira é rebelião, litígio, demanda. É também sedução, sensualidade, coragem, inquietude, alegria, arrogância, ardor. (BARROS, 2006, p. 62)

Ela é sempre invocada nos terreiros para sugerir solução aos problemas amorosos, mas, também, é considerada, de acordo com Cumino (2019), a Deusa Mulher que dá corporeidade à liberdade, autonomia, independência e autossuficiência. Segundo o autor, essa Deusa vive dentro de cada um de nós, em uma sociedade que tenta “matá-la” e silenciá-la. Cumino contradiz o pensamento de Barros, dito anteriormente, afirmando que a “*Pombagira não é uma costela de Exu e, por isso mesmo, ela não é um Exu Mulher*” (2019, p. 25).

De acordo com Cumino (2019), se concordarmos com o pensamento de Barros dito acima seria o mesmo que dizer que Iansã é Xangô mulher e Oxum é Oxumaré mulher. Cumino acrescenta: se afirmarmos que Eva saiu da costela de Adão é desrespeitoso com a mulher. É reduzi-la e submetê-la a algo menor. Isso é humilhante, é a ideia de apêndice do macho, impossibilitando a força criadora do ser feminino.

Pombagira é uma força da natureza humana feminina, mistério, poder, entidade, divindade, Deusa, rainha, Orixá reconhecida e compreendida como tal. [...] Pombagira é mãe. [...] é uma Deusa Negra, é uma Deusa transgressora de tudo que não está de acordo com seu íntimo, sua alma ou coração. Suas filhas, são de todas as etnias, de todas as raças. Ao reconhecer a mãe Orixá, reconhece-se uma origem cultural negra, é por isso *Deusa Negra*. (CUMINO, 2019, p. 25)

Assim, Arruda (1998) afirma que o processo de elaboração da identidade da mulher negra, no Brasil, definiu-se a partir de ambivalências estabelecidas na colonização por meio de uma “renegociação da diferença” que se afirma no corpo negro feminino. O corpo da mulher negra é o lugar da irregularidade, por natureza supersexualizada, servindo de instrumento no desenvolvimento de uma economia erótica, fonte de produção do prazer e de mão de obra para o trabalho escravo.

Essas observações nos remete ao capítulo: “*Acalanto de Rosa Palmeirão*” do romance ‘*Mar Morto*’, de Jorge Amado (1912 – 2001). Nele, o escritor descreve que ela era uma mulata valente do corpo bem feito e andava gingando, “*remexendo como se fosse marítima também*” (AMADO, 1936, p. 26). “*Tinha um corpo bonito e não perdeu nada ainda. Quando amava um homem, era mulher como nenhuma*” (AMADO, 1936, p. 27). Percebemos que essa personagem era muito cobiçada pelos homens. Todos a desejavam sexualmente, isto é, eroticamente. Isso é observado no boteco “Farol das estrelas” quando ela veio sentar num canto próxima a Guma e “*Ele olhava para ela, tinha o corpo bem feito. As nádegas grandes oscilavam como a proa de um saveiro*” (AMADO, 1936, p. 28).

Os romances amadianos possuem um erotismo e uma sensualidade feminina acentuada como é notado nas descrições acima da personagem Rosa Palmeirão. Essa mulher retratada pela pena de Jorge Amado, além de exaltar a beleza feminina e seu poder sensual, também destaca a sua força, sua garra e suas lutas que a transformam em guerreira. Assim, o escritor Jorge Amado apresentou no romance: ‘*Tereza Batista Cansada de Guerra*’, uma personagem que representa uma mulher que possui uma personalidade indomável e imprevisível que choca contra as convenções impostas pela sociedade da época e se rebela contra o destino que lhe tentam impor. Aqui, estabelecemos uma ‘*possível*’ relação dessas personagens femininas de Amado com a Pombagira – que é uma Deusa transgressora, “*uma força de mulher, uma força da natureza, um poder ancestral, a origem de tudo que é mulher ou feminina*” (CUMINO, 2019, p. 58).

Essa transgressão da norma, em *Mar Morto*, é evidenciada por Livia e Rosa Palmeirão quando ambas assumem o comando do paquete Voador e vão velejando pelo mar. Isso “*delata as potências de instauração do novo por meio da superação da identidade sexo-gênero*” (HATSCHEBACH & FAVORETO 2018, p. 344).

Apesar de o espaço marítimo ser destinado aos homens, mundo proibido para as mulheres, por seus perigos, ao final da narrativa, Livia, luta por sua liberdade, por seu direito de escolha, deseja permanecer com seu amado transmutado em mar, rompe com o destino das viúvas do cais, e, sob o signo do *animus*, se transforma na condutora do *Paquete voador*, veleiro de seu marido, assumindo, assim, o papel de procriadora, cuidadora do lar e, também, o de mantenedora. (DIAS & NASCIMENTO, 2015, p. 06)

Emma Jung, citada por Koltuv (2017), afirma que a mulher possui uma dificuldade em desenvolver uma boa relação com seu *animus*¹¹ - o masculino inconsciente na mulher – devido

¹¹ Refere-se a um ser masculino, cujo rastro pode ser seguido e que deve ser representado. (JUNG, 2006, p. 16).

ao sentimento de pouca autoestima e diminuição. Menezes (2003) afirma que para Jung, o *animus* é moldado pelo pai da mulher. Seu aspecto negativo afasta a mulher de qualquer relacionamento, levando-a à passividade, sensação de vazio e depressão.

Contudo, o que observamos na citação acima e podemos inferir é que as personagens Lívia e Rosa Palmeirão do enredo da narrativa *'Mar Morto'* apresentaram uma relação positiva com seu *animus*, pois o escritor Jorge Amado soube muito bem evidenciar a força dessas personagens enquanto representantes femininas brasileiras. Haja vista que elas foram as protagonistas da iniciativa, da coragem e da honestidade; características que perpassam o *animus* masculino na mulher; conduzindo-a, abrindo portas para o seu desenvolvimento interno, dando a ela o poder e compreensão de iluminar o seu interior com muita objetividade. Tal atitude delas nos faz lembrar da reivindicação de igualdade exigida pela personagem mitológica Lilith. Segundo Koltuv (2017), Lilith e Adão foram criados da terra ou pó; assim, ela recusa ser apenas terra para Adão. O que ela deseja é ter os mesmos direitos de movimento, mudança, ação, escolha, decisão e ser ela própria no processo de subjetivação. O que exige é uma individuação¹², um encontro do ego feminino com o Eu feminino.

Segundo Hatschebach & Favoreto (2018),

Rosa e Lívia não tornam-se costureiras ou prostitutas, expectativas de gênero da sociedade vigente, e mesmo Lívia, não torna-se dependente ou retorna a sua sorte de feirante, junto aos parentes. Havendo elementos de transição nessa obra, nos parece, nestes termos, a obra supera a partidarização do período, influência da militância nos quadros do Partido Comunista Brasileiro, enquanto destaca em primeiro plano o afeto de Guma e Lívia. (HATSCHEBACH & FAVORETO, 2018, p. 348).

Essas personagens fogem às normas impostas pela sociedade vigente daquela época ao assumirem um posto que era visto naquele período como exclusivo do sexo masculino. Essas mulheres-personagens negam tudo o que a história abordou ao longo dos anos sobre elas serem indivíduos de sexo frágil, domésticas e fracas. Segundo Dias & Nascimento (2015), Jorge Amado

deu voz e visibilidade às mulheres brasileiras como personagens violadoras dos códigos que lhes foram impostos pela sociedade. As personagens femininas do autor traçavam seu próprio destino, deixando, assim, de serem manipuladas pelo homem, ao contrário daquelas existentes, anteriormente, em nossa literatura. (DIAS & NASCIMENTO, 2015, p. 04).

¹² A individuação significa tornar-se um ser único, a realização melhor e mais completa das qualidades arquetípicas do ser humano, trata-se de um desenvolvimento psicológico que permita a realização das qualidades individuais que o ser possui dentro de si. (JUNG (2001) *apud* MENEZES (2003, p. 31).

Nesse sentido, ousamos a afirmar que essas personagens *'possuem uma Pombagira dentro delas'*, pois ambas transgrediram as normas vigentes naquela época. Lutaram pela suas liberdades e idiosincrasias. Assumiram postos que antes eram ocupados por homens. Jorge Amado soube muito bem expor em suas narrativas esse tom de desbravamento do universo e cidadania feminina colocando-as como pessoas fortes e guerreiras. Algumas desde o início dos romances; outras, foram evoluindo ao longo das narrativas e, no final, demonstraram o poder da força feminina que estava internalizado.

Partindo dos estudos de Emma Jung (2006), fazemos uma possível análise de que essas personagens amadianas souberam lidar com suas grandezas interiores, isto é, com o "homem dentro delas". Souberam diferenciá-lo delas mesmas, pois não deixaram o *animus* dominar o feminino existente nelas próprias. Se isso tivesse ocorrido elas entrariam, segundo Emma Jung (2006), em estado depressivo, de insatisfação geral e perda da vontade e sensação de viver. O que ocorre é justamente o contrário. Ambas assumem o controle e a condução de suas vidas tornando-se sujeitos independentes e autônomos, construtores de uma nova identidade.

Nesse sentido, se partirmos do raciocínio de Alexandre Cumino (2019), poderemos inferir que essas personagens femininas de Jorge Amado deixaram fluir a pombagira do interior delas, pois de acordo com este pesquisador, ser pombagira é agir, de maneira transgressora a condutas de uma moral conservadora e subversiva contra as atitudes preconceituosas, machistas e misóginas da sociedade. É dar um 'grito' de liberdade em prol de sua autoemancipação. É agir conforme o seu interior deseja. E Jorge Amado soube dar a essas personagens a bravura e ousadia de serem mulheres fortes, guerreiras, justas e humanas. Podemos mencionar que elas são pombagiras em dois sentidos se partirmos dos apontamentos de Barros (2006). Primeiro: na feminilidade, sensualidade, sedução e alegria (*anima*). Segundo: na garra, força, coragem e determinação porque assumiram lugares considerados masculinos naquele período (*animus*). Ou seja, *anima* e *animus* agindo em equilíbrio em prol da formação de uma nova identidade emancipada ou empoderada. Exemplo disso são as personagens: Livia e Rosa Palmeirão da obra *'Mar Morto'*, como foi evidenciado.

Corroboramos, portanto, que a pombagira está no íntimo de cada um de nós, em nossa alma, em nosso ser interior, sejam homens ou mulheres. A Pombagira é *Anima*.¹³ É quem nos dá a força e o poder de sermos quem realmente somos, segundo Cumino (2019). Assim,

¹³ Representa o componente feminino da personalidade do homem, mas ao mesmo tempo a imagem do ser feminino que este de modo geral traz em si; em outras palavras, o arquétipo do feminino. (JUNG, 2006, p. 57)

Menezes (2003) afirma que para Jung, a *anima* está associada aos sentimentos, aos fatos eróticos e emocionais atribuídos à sensibilidade, intuição e capacidade de amar. Atributos identificados nas personagens femininas das obras mencionadas neste texto. O autor afirma, também, que o caráter da *anima* de um homem é determinado por sua mãe. Se a influência materna sobre ele for negativa, sua *anima* irá se expressar de maneira irritada, insegura, depressiva e incerta; recebendo um significado negativo. Se a influência com sua mãe for positiva, sua *anima* será o seu guia interior, tornando-o mais feminino. Dessa maneira, o homem valorizará os sentimentos, a intuição e as fantasias e o princípio feminino se tornará, então, o arquétipo da vida; isto é, a “Deusa mulher”, segundo Alexandre Cumino, presente no íntimo desse ser humano.

Emma Jung afirma que o *animus* tem o poder da palavra, por isso é associado ao *logos* e que os homens que atuam com a palavra podem exercer uma grande influência positiva ou negativa sobre a mulher. Assim, a autora deixa uma interrogação: “*a magia da palavra pode prender a mulher ao homem, seduzindo-a?*” (Emma Jung, 2006, p 32). Continua dizendo que o *logos* possui dois lados importantes. O primeiro associado a discriminação, o julgamento e o reconhecimento, que por sua vez, na figura do *animus* aparece como uma pessoa que corresponde mais a um indivíduo. O segundo, a abstração e o estabelecimento de leis gerais surge como um "conselho" que se apresenta enquanto maioria e concordância de muitos.

Há muitas mulheres que já desenvolveram extensamente sua capacidade de pensamento e diferenciação criativas como o homem. [...] O criativo na mulher expressa-se bastante mais na vida que em obras, não apenas em sua função biológica como mãe, mas na configuração da vida como um todo, seja em seu papel de companheira do homem, em sua atividade como educadora da criança como dona de casa. (JUNG, 2006, p.34)

Assim, a autora estabelece uma diferença entre o problema do *animus* da mulher e o problema da *anima* do homem. Menciona que o homem ao se relacionar com sua *anima* tem que descer do pedestal, superar seu orgulho e vencer uma resistência reconhecendo a sua "senhora" enquanto a mulher obedece a autoridade do *animus* tendo que superar a falta de confiança e a resistência da indolência. “*Para nós é como se tivéssemos que provar nosso valor, o que requer coragem e força de vontade*” (EMMA JUNG, 2006, p. 36). Não podemos afirmar com exatidão se realmente as personagens femininas de Jorge Amado provaram o que Emma Jung disse, mas podemos levantar esta discussão para pesquisas posteriores. Mas parafraseamos a fala da autora de que o papel da *anima* é transmitir conteúdos do inconsciente tornando-os visíveis enquanto o *animus* tem a função de transmitir mais o sentido que a imagem. A

capacidade de intuição é possível no homem por meio da *anima*, pois isso é um dom já perceptível na mulher.

No que se refere a representação da *anima*, ela acontece por meio da figura da mãe, da irmã, filha, senhora, escrava, uma sacerdotisa ou bruxa, isto é, a *anima* sempre se manifesta, segundo Emma Jung (2006), por formas de relacionamento e, segundo Lages, também está relacionada à sociedade e cultura em que o ser humano está inserido. O *animus* se manifesta por uma quantidade imensa de homens, um bando de pais, um conselho ou assembleia de sábios, ou seja, surge na forma de um pai, amante, professor, juiz e outros, personificado em sonhos ou fantasias. Ele também ajuda no conhecimento e no modo de ver as coisas.

E para finalizar, Emma Jung (2006) observou a relação de mulher para mulher e isso assume grande significado pois identificou que muitas mulheres, paralelamente ao problema do *animus* que se tornava agudo, começaram a se interessar mais uma pela outra e assim, sentiam que o interesse em se relacionar com mulheres era uma necessidade crescente, porque talvez seja o início de uma solidariedade feminina no sentido de aprender a valorizar os valores femininos para que ambas possam resistir ao princípio masculino. Seria, aqui, uma possível explicação para a lesbianidade?¹⁴ Assim, o *animus* deixará de ser um perigo apenas quando a mulher não se deixar ser dominada por ele. E quando isso acontecer a energia criativa surgirá, porém, apenas quando esse ser masculino – o *animus* – for de fato incorporado pela mulher.

Considerações finais

O presente texto teve o intuito de abordar as diversas concepções de Pombagira sob a teoria de alguns pesquisadores, dentre eles: Barros, Barbosa Junior, Koltuv, Lages, Carvalho, entre outros. O que pontuamos foi justamente as semelhanças e as diferenças que ambos utilizaram para denominar esse ser tão importante e emblemático para as religiões de matriz africana com destaque para a valorização, respeito, diminuição da intolerância religiosa, do racismo e misoginia perpassados principalmente na imagem da mulher negra.

Para tentar explicar o motivo de todo o mal e negativo cair sobre a figura da mulher e de torná-la estereótipo de uma prostituta e mulher de baixos princípios morais levantamos algumas colocações de Koltuv e de Carvalho na tentativa de aproximar a imagem da Pombagira

¹⁴ Questionamento levantado com o intuito de provocação para futuras pesquisas sobre estudo de performances de gêneros.

à de Lilith e, assim, estabelecer semelhanças entre algumas personagens da obra de Jorge Amado com ambas, cuja função foi desconstruir esta visão negativa do feminino.

Assim, podemos considerar que esta figura tão emblemática para as religiões de matriz africana acaba sendo, também, muito importante para a sociedade em que vivemos, mesmo que seja uma sociedade carregada de princípios morais e dogmas religiosos cristãos, machista e sexista, pois a atitude dessa entidade nos terreiros de religiões afro-brasileiras está contribuindo progressivamente para o fortalecimento do feminismo em geral, principalmente o feminismo negro por meio de sua atuação firme, alegre e extrovertida que de certa maneira fortalece o despertar racionalizante nos povos dessa nação fazendo com que se “quebre”, gradativamente, os estereótipos construídos acerca de que tudo que ‘vem de preto é coisa do mal e ruim’ e tudo que ‘vem de uma mulher que ri, gargalha, dança, bebe e fuma’ é mulher de “rua”; mulher da “vida”.

Essa mulher é nada mais que um ser interior, uma força interna e inerente a cada um de nós. Ela é o grande arquétipo do feminino existente em cada homem e em cada mulher, por isso é a responsável pela construção de uma nova identidade, de um novo ser autêntico, corajoso e guerreiro como foi notado nas atitudes das personagens amadianas evidenciadas nas análises dos tópicos acima.

As personagens femininas da obra de Jorge Amado possuem a *anima* por serem mulheres, mas também, o *animus* no momento que exerceram a coragem e determinação de conduzirem as suas vidas numa sociedade que distinguia atividades masculinas de atividades femininas. São *animas* na sensualidade e delicadeza. Nesse sentido, elas são Pombagiras, Deusas, Orixás e Lilith's. São, então, grandes representantes do feminino, seja ele negro ou não, pois aos poucos, a imagem dessa entidade está sendo vista de uma maneira menos estereotipada, por alguns, devido ao crescente número de estudos que se está fazendo sobre a mesma com o intuito de associá-la à imagem de uma nova mulher cada vez mais empoderada.

Referências

AMADO, Jorge. **Mar morto**. Rio de Janeiro: Companhia de bolso, 1936. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-mar-morto-jorge-amado-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/-pdf>. Acesso em: 15/06/2019.

ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

AZAMBUJA, Márcio Passos de. **Uma Visada Sobre A Presença dos Orixás em João Do Rio, Mário de Andrade e Jorge Amado**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle>. Acesso em: 22/11/2019.

BARBOSA JUNIOR, Ademir. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos livros, 2014.

BARROS, C. A. **Iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino na Umbanda**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21271679-Cristiane-amaral-de-barros-iemanja-e-pomba-gira-imagens-do-feminino-na-umbanda.html>. Acesso em: 20/11/2019.

CARVALHO, S. R. **De Lilith à Pombagira: a personagem negra e o exu feminino no romance de Jorge Amado**. Letras em Revista (ISSN 2318-1788), Teresina, v. 08, n. 02, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/download/154/38>. Acesso em: 11/10/19.

CUMINO, Alexandre. **Pombagira, a deusa: mulher igual você**. São Paulo: Madras, 2019.

DIAS, Denise & NASCIMENTO, Teresinha Martins do. **O caminho da mulher em mar morto e capitães da areia, de Jorge Amado: característica da identidade e representação**. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/Abralic>, XIV Congresso Internacional fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias. Belém: UFPA, 29/06/15 a 03/07/15. Acesso em: 10/10/19.

FERREIRA, Maria Aparecida Porte. **As emoções no encontro com o mito e o arquétipo Feminino da Deusa Deméter na busca da Espiritualidade**. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_SA18_ID4520_07092018202221.pdf. Acesso em: 07/10/19.

HATSCHEBACH, Bruno Guilherme & FAVORETO, Aparecida. **Tragédia, afeto e realismo em Jorge Amado: das brumas em Mar Morto às intersecções de classe e gênero**. REBELA, v.8, n.2, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://rebela.emnuvens.com.br/pc/issue/view/27/showToc>. Acesso em: 11/10/19.

HATSCHEBACH, Bruno & FAVORETO, Aparecida. **Notas preliminares acerca do feminino em Jorge Amado: da subserviência às transgressões em Gabriela, cravo e canela**. REBELA, v.7, n.2, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://rebela.emnuvens.com.br/pc/issue/view/24/showToc>. Acesso em: 11/10/19.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, Emma. **Animus e anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal**. São Paulo: Cultrix, 2017.

LAGES, Sônia Regina Corrêa. **Exu - Luz e Sombras**. Uma análise psico-junguiana da linha de Exu na Umbanda. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2003. Disponível em: <https://www.ufjf.br/cliotedel/files/2009/10/COD03001.pdf>. Acesso em: 14/11/2019.

MENEZES, Renata Pasini de. **O feminino reprimido**: um estudo junguiano sobre a feminilidade. Brasília: UNICEUB, 2003. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br>. Acesso em: 14/11/2019.

PINTO, Altair. **Dicionário da Umbanda**: anexo-pequeno vocabulário da língua Yoruba. Rio de Janeiro: ECO, 1971.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VIANA, F. R. de O. **A figura feminina na obra de Jorge Amado**: Tereza Batista Cansada de Guerra. Disponível em: <https://www.google.com/VianaFranciscoRobertodeOliveira.AfigurafemininanaobraJorgeAmado>. Acesso em: 10/10/19.